



Universidade Estadual
de Santa Cruz - UESC

RCS&N

Revista Ciências Sociais & Negócios

Volume 1, n.1, 2026

Editora-chefe: **Dra. Josefa Sônia Pereira da Fonseca**

Educação empreendedora, empreendedorismo social e sustentabilidade socioambiental: perspectivas para transformação e desenvolvimento sustentável

Solange Rodrigues de Santos Corrêa

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

<https://orcid.org/0000-0002-6849-824>

srscorrea@uesc.br

Jacinto Jardim

Universidade Aberta de Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-0600-3128>

jacinto.jardim@uab.pt

Recebido em: 17/01/2026

Aprovado em: 02/06/2026

Publicado em: 02/07/2026



Declaração de uso da inteligência artificial

Durante a redação deste artigo, não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial em nenhuma etapa do processo. Todas as ideias, análises e interpretações são de autoria dos(as) pesquisadores(as), que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo. Esta prática está em conformidade com os princípios de integridade acadêmica e das boas práticas editoriais.

Educação empreendedora, empreendedorismo social e sustentabilidade socioambiental: perspectivas para transformação e desenvolvimento sustentável

**Solange Rodrigues de Santos Corrêa¹
Jacinto Jardim²**

RESUMO

O presente estudo analisa as contribuições da Educação Empreendedora para o fortalecimento do empreendedorismo social e da sustentabilidade socioambiental, considerando as relações entre desenvolvimento humano, inovação social, universidades empreendedoras e ecossistemas de inovação sustentável. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, exploratória e bibliográfica, fundamentada em revisão narrativa e analítica da literatura nacional e internacional sobre Educação Empreendedora, negócios de impacto, desenvolvimento sustentável e transformação social. Os resultados evidenciam que a Educação Empreendedora contemporânea vem ultrapassando abordagens centradas exclusivamente na criação de negócios e no desempenho econômico, passando a incorporar dimensões relacionadas à responsabilidade social, inclusão socioeconômica, sustentabilidade ambiental e desenvolvimento humano. Além disso,

¹ Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DCAC), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia, 45662-900, Brasil
Email: srscorrea@uesc.br

² Departamento de Ciências Sociais e Gestão, Universidade Aberta, 1250-100 Lisboa, Portugal
E-mail: jacinto.jardim@uab.pt

observou-se que universidades empreendedoras e ecossistemas de inovação desempenham papel estratégico na promoção de práticas voltadas à inovação social, ao empreendedorismo sustentável e ao fortalecimento do desenvolvimento territorial. Conclui-se que a Educação Empreendedora possui potencial relevante para formação de agentes comprometidos não apenas com geração de renda, mas também com transformação socioambiental sustentável e construção de modelos de desenvolvimento mais inclusivos, inovadores e socialmente responsáveis.

Palavras-chave: Educação Empreendedora; empreendedorismo social; sustentabilidade socioambiental; desenvolvimento humano; universidades empreendedoras.

INTRODUÇÃO

Os desafios econômicos, sociais e ambientais contemporâneos têm ampliado as discussões acerca do papel do empreendedorismo no enfrentamento de problemas coletivos e na promoção do desenvolvimento sustentável. Tradicionalmente associado à criação de negócios e à geração de riqueza, o empreendedorismo passou a incorporar dimensões relacionadas à responsabilidade social, sustentabilidade ambiental e criação de valor coletivo, ampliando sua contribuição para além da esfera econômica (Kuratko, 2005; Lackéus, 2015; Dees, 1998).

Essa mudança aproxima-se da perspectiva de Sen (2010), para quem o desenvolvimento não deve ser reduzido ao crescimento econômico, mas compreendido como ampliação das capacidades humanas, das liberdades individuais e das oportunidades sociais. Sob essa ótica, iniciativas empreendedoras podem contribuir não apenas para geração de renda, mas também para promoção da inclusão social, melhoria

da qualidade de vida e fortalecimento do desenvolvimento humano.

Nesse contexto, a Educação Empreendedora vem assumindo papel relevante nas instituições de ensino superior ao estimular competências relacionadas à criatividade, inovação, resolução de problemas e adaptação a contextos complexos (Kuratko, 2005; Jardim, 2021). Além do desenvolvimento de competências empresariais, programas educacionais passaram a incorporar discussões sobre sustentabilidade, responsabilidade social e desenvolvimento sustentável, alinhando-se às diretrizes estabelecidas pela Agenda 2030 e pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (United Nations, 2015). Nessa perspectiva, a abordagem do Triple Bottom Line destaca a necessidade de integrar dimensões econômicas, sociais e ambientais na construção de modelos de desenvolvimento sustentáveis (Elkington, 1997).

A literatura também evidencia que a Educação Empreendedora pode contribuir para formação de indivíduos capazes de atuar na resolução de problemas sociais e ambientais por meio de processos inovadores e sustentáveis (Nabi et al., 2017; Jardim & Sousa, 2023; Corrêa & Jardim, 2025). Nesse cenário, o empreendedorismo social emerge como alternativa voltada à geração simultânea de impacto social e sustentabilidade econômica, buscando responder a demandas coletivas frequentemente não atendidas pelos mecanismos tradicionais de mercado (Yunus et al., 2010; Oliveira, 2004; Dees, 2001).

Paralelamente, o fortalecimento das universidades empreendedoras e dos ecossistemas de inovação ampliou a participação das instituições de ensino superior nos processos de desenvolvimento econômico e social. De acordo com o modelo da Tríplice Hélice, a interação entre universidades, empresas e governo favorece a produção de conhecimento aplicado, a inovação e o desenvolvimento regional (Etzkowitz & Leydesdorff, 2000; Etzkowitz, 2003). Nessa mesma direção,

Audretsch e Keilbach (2008), Stam (2015) e Spigel (2017) destacam que os ecossistemas empreendedores dependem da articulação entre atores institucionais, capital humano, redes colaborativas e mecanismos de apoio à inovação, constituindo ambientes favoráveis ao empreendedorismo e à sustentabilidade.

Apesar dos avanços observados na literatura, ainda são limitados os estudos que analisam de forma integrada as relações entre Educação Empreendedora, empreendedorismo social, sustentabilidade socioambiental e ecossistemas de inovação. Grande parte das pesquisas concentra-se na intenção empreendedora, na criação de negócios ou no desenvolvimento de competências empresariais, dedicando menor atenção à formação de empreendedores comprometidos com impacto social e sustentabilidade (Rideout & Gray, 2013; Henry & McGowan, 2016).

Diante desse contexto, este estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: como a Educação Empreendedora pode contribuir para a formação de empreendedores orientados à transformação socioambiental e ao desenvolvimento sustentável?

O objetivo geral consiste em analisar as contribuições da Educação Empreendedora para o fortalecimento do empreendedorismo social e da sustentabilidade socioambiental. Especificamente, pretende-se: (i) discutir os fundamentos teóricos da Educação Empreendedora, do empreendedorismo social e do desenvolvimento sustentável; (ii) analisar a relação entre Educação Empreendedora, ecossistemas de inovação e transformação socioambiental; (iii) compreender o papel das universidades empreendedoras na promoção de práticas voltadas à sustentabilidade e ao impacto social; e (iv) refletir sobre as contribuições dos negócios sociais e das práticas empreendedoras sustentáveis para a inclusão socioeconômica e o desenvolvimento sustentável.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, desenvolvida por

meio de revisão bibliográfica narrativa e analítica, fundamentada na análise crítica da literatura nacional e internacional sobre Educação Empreendedora, empreendedorismo social, sustentabilidade socioambiental e ecossistemas empreendedores.

A relevância da pesquisa reside na necessidade de ampliar a compreensão sobre o potencial da Educação Empreendedora na formação de indivíduos capazes de conciliar inovação, responsabilidade social e sustentabilidade. Ao integrar contribuições provenientes do empreendedorismo social, do desenvolvimento humano e dos ecossistemas de inovação, o estudo busca contribuir para o debate acadêmico acerca da construção de modelos de desenvolvimento mais inclusivos, sustentáveis e socialmente responsáveis.

2. REFERENCIAL TEÓRICO:

2.1 Educação Empreendedora e Formação de Competências Transformadoras

A Educação Empreendedora tem assumido crescente relevância nas discussões acadêmicas e institucionais em virtude das transformações econômicas, sociais e tecnológicas que caracterizam a sociedade contemporânea. Inicialmente associada à criação de empresas e ao estímulo da atividade empresarial, sua abordagem foi progressivamente ampliada para contemplar competências relacionadas à inovação, criatividade, resolução de problemas, liderança e adaptação a contextos complexos (Kuratko, 2005; Lackéus, 2015).

Segundo Kuratko (2005), o empreendedorismo deixou de ocupar posição periférica nas instituições de ensino superior para tornar-se componente estratégico da formação profissional. Nessa perspectiva, a Educação Empreendedora não se limita à preparação para abertura de negócios, mas contribui para o

desenvolvimento da capacidade de identificar oportunidades, lidar com incertezas e atuar de forma inovadora em diferentes contextos organizacionais e sociais.

Essa ampliação conceitual é aprofundada por Lackéus (2015), que propõe uma abordagem centrada na criação de valor para a sociedade. Para o autor, a aprendizagem empreendedora deve estimular os estudantes a desenvolver soluções para problemas reais, aproximando educação, inovação e impacto social. Assim, o empreendedorismo passa a ser compreendido como processo de geração de valor econômico, social e ambiental.

Além das competências técnicas e gerenciais tradicionalmente associadas ao empreendedorismo, a literatura destaca a importância de competências socioemocionais, como autonomia, criatividade, pensamento crítico, colaboração e responsabilidade. Nabi et al. (2017) observam que programas de Educação Empreendedora podem influenciar atitudes, intenções e competências empreendedoras, ampliando a capacidade dos indivíduos de agir de forma inovadora diante de desafios complexos.

Nessa mesma direção, Jardim (2021) argumenta que a formação empreendedora deve responder às exigências de uma sociedade global e digital, integrando competências técnicas, humanas e éticas. Para o autor, o empreendedorismo constitui instrumento relevante para desenvolvimento da iniciativa, da capacidade de adaptação e da atuação responsável em contextos marcados por rápidas transformações sociais e tecnológicas.

Complementarmente, Jardim e Sousa (2023) ressaltam que a Educação Empreendedora pode contribuir para inclusão social e fortalecimento da cidadania quando articulada à inovação social e ao desenvolvimento sustentável. Essa perspectiva amplia o papel das instituições de ensino superior, que passam a atuar não apenas na formação profissional, mas também

na preparação de indivíduos capazes de compreender e enfrentar desafios sociais contemporâneos.

Embora não trate especificamente da Educação Empreendedora, Sen (2010) oferece importante contribuição teórica ao compreender o desenvolvimento como expansão das capacidades humanas. Sob essa ótica, processos educacionais voltados ao empreendedorismo podem favorecer a ampliação da autonomia, da participação social e das oportunidades individuais, reforçando o potencial da educação como mecanismo de desenvolvimento humano.

Por fim, observa-se crescente aproximação entre Educação Empreendedora, inovação social e sustentabilidade, especialmente após a Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (United Nations, 2015). Nesse contexto, programas educacionais passaram a incorporar discussões relacionadas à ética, responsabilidade social e sustentabilidade ambiental, ampliando a compreensão do empreendedorismo como instrumento de criação de valor e enfrentamento de desafios contemporâneos.

2.2 Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto

As transformações econômicas, sociais e ambientais contemporâneas ampliaram o interesse por modelos organizacionais capazes de conciliar sustentabilidade econômica e geração de valor social. Nesse contexto, o empreendedorismo social consolidou-se como abordagem voltada ao desenvolvimento de soluções inovadoras para problemas coletivos, diferenciando-se das formas tradicionais de empreendedorismo centradas predominantemente no desempenho econômico (Dees, 2001).

Segundo Dees (2001), o empreendedorismo social caracteriza-se pela atuação de agentes comprometidos com a criação de valor social por meio da

inovação e da identificação de oportunidades voltadas ao enfrentamento de necessidades sociais. Nessa perspectiva, o objetivo central não consiste na maximização do lucro, mas na geração de impacto positivo e duradouro para indivíduos, comunidades e grupos socialmente vulneráveis.

Os empreendimentos sociais distinguem-se tanto das organizações empresariais tradicionais quanto das iniciativas assistencialistas, uma vez que buscam combinar mecanismos de gestão, inovação e sustentabilidade financeira com objetivos voltados à promoção do bem-estar coletivo (Oliveira, 2004). Dessa forma, a viabilidade econômica passa a ser compreendida como condição necessária para garantir continuidade e ampliação do impacto social produzido.

As contribuições de Yunus et al. (2010) fortaleceram essa discussão ao introduzirem o conceito de negócios sociais, definidos como organizações economicamente sustentáveis criadas para enfrentar problemas como pobreza, exclusão social e desigualdade. Para os autores, tais organizações demonstram que eficiência econômica e compromisso social não são objetivos incompatíveis, podendo coexistir em modelos voltados à geração de impacto coletivo.

Posteriormente, Yunus et al. (2021) ampliaram essa perspectiva ao defenderem que os negócios sociais podem contribuir para construção de formas de desenvolvimento mais inclusivas e sustentáveis, especialmente diante de desafios relacionados à desigualdade social e à degradação ambiental. Nessa direção, observa-se crescente aproximação entre empreendedorismo social, inovação social e sustentabilidade socioambiental, refletida na atuação de empreendimentos voltados à economia circular, inclusão produtiva, preservação ambiental e fortalecimento comunitário.

Essa convergência dialoga com a proposta do Triple Bottom Line de Elkington (1997), segundo a qual

organizações sustentáveis devem integrar dimensões econômicas, sociais e ambientais de maneira equilibrada. Assim, o impacto gerado pelos empreendimentos sociais ultrapassa resultados financeiros e passa a envolver benefícios sociais e ambientais capazes de contribuir para o desenvolvimento sustentável.

Outro aspecto relevante refere-se ao papel desempenhado pelas universidades, incubadoras e ecossistemas empreendedores na disseminação do empreendedorismo social. Conforme destacam Etzkowitz e Leydesdorff (2000) e Etzkowitz (2003), a interação entre universidades, empresas e governo favorece a produção de conhecimento aplicado e o desenvolvimento de soluções inovadoras para demandas sociais contemporâneas. Complementarmente, Audretsch e Keilbach (2008), Stam (2015) e Spigel (2017) argumentam que os ecossistemas empreendedores fortalecem processos de inovação social ao estimular cooperação, circulação do conhecimento e articulação entre diferentes atores institucionais.

Nesse cenário, a Educação Empreendedora assume papel relevante ao estimular competências relacionadas à criatividade, responsabilidade social, colaboração e inovação. Conforme destacam Jardim (2021) e Jardim e Sousa (2023), a incorporação de temas como sustentabilidade, cidadania e impacto coletivo contribui para formação de indivíduos capazes de desenvolver soluções voltadas às demandas sociais e ambientais contemporâneas.

Dessa forma, o empreendedorismo social e os negócios de impacto representam mecanismos relevantes para enfrentamento de desafios sociais e ambientais, ampliando as possibilidades de construção de modelos econômicos sustentáveis e socialmente orientados. Mais do que criar oportunidades econômicas, essas iniciativas evidenciam o potencial do empreendedorismo como instrumento de inovação social e promoção do desenvolvimento sustentável.

2.3 Sustentabilidade Socioambiental e Desenvolvimento Humano

As discussões sobre sustentabilidade socioambiental ganharam centralidade diante do agravamento dos problemas ambientais, das desigualdades sociais e dos limites dos modelos tradicionais de desenvolvimento econômico. Nesse contexto, consolidou-se a compreensão de que o desenvolvimento sustentável depende da articulação entre crescimento econômico, inclusão social e preservação ambiental, superando abordagens centradas exclusivamente em indicadores econômicos.

Essa perspectiva foi fortalecida pela Agenda 2030 das Nações Unidas, que estabeleceu os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como referência para promoção da erradicação da pobreza, redução das desigualdades, proteção ambiental e melhoria das condições de vida das populações (United Nations, 2015). Dessa forma, a sustentabilidade passou a ser compreendida como conceito multidimensional, envolvendo aspectos econômicos, sociais, ambientais e institucionais.

As contribuições de Sen (2010) ampliaram essa discussão ao propor o desenvolvimento como expansão das capacidades humanas e das liberdades individuais e coletivas. Para o autor, o crescimento econômico representa apenas um dos componentes do desenvolvimento, sendo igualmente relevantes fatores relacionados à educação, saúde, participação social e acesso a oportunidades. Sob essa perspectiva, o desenvolvimento humano está diretamente associado à ampliação das possibilidades de escolha e à melhoria das condições de vida da população.

A relação entre sustentabilidade e desenvolvimento humano torna-se particularmente evidente quando se considera que pobreza, exclusão social e degradação ambiental comprometem as capacidades e oportunidades dos indivíduos. Assim, estratégias de

desenvolvimento sustentável exigem ações capazes de promover simultaneamente crescimento econômico, inclusão social e proteção dos recursos naturais.

Nesse contexto, Elkington (1997) propôs o conceito de *Triple Bottom Line*, segundo o qual organizações e instituições devem equilibrar resultados econômicos, sociais e ambientais. A proposta contribuiu para ampliar o debate sobre responsabilidade socioambiental e influenciou abordagens contemporâneas relacionadas à sustentabilidade corporativa, ao ESG (*Environmental, Social and Governance*), à inovação sustentável e ao empreendedorismo responsável. A partir dessa perspectiva, o desempenho organizacional deixa de ser avaliado exclusivamente por indicadores financeiros e passa a considerar também os impactos sociais e ambientais das atividades desenvolvidas.

Paralelamente, observa-se crescente convergência entre sustentabilidade socioambiental, empreendedorismo social e inovação sustentável. Conforme argumentam Yunus et al. (2021), iniciativas econômicas orientadas ao impacto social têm incorporado práticas relacionadas à inclusão produtiva, economia circular, geração de renda e preservação ambiental, evidenciando a interdependência entre desafios sociais e ecológicos. Nesse cenário, modelos organizacionais sustentáveis buscam conciliar viabilidade econômica com benefícios sociais e ambientais duradouros.

A educação e os ecossistemas de inovação também desempenham papel relevante nesse processo. Jardim (2021) e Jardim e Sousa (2023) destacam que instituições de ensino superior vêm incorporando temas relacionados aos ODS, à ética e à sustentabilidade em programas de Educação Empreendedora, contribuindo para formação de indivíduos mais conscientes acerca dos impactos sociais e ambientais das atividades econômicas.

Além disso, as universidades empreendedoras e os ecossistemas de inovação favorecem o desenvolvimento de soluções voltadas ao enfrentamento de

desafios sociais e ambientais. Conforme argumentam Etzkowitz e Leydesdorff (2000), a interação entre universidades, empresas e governo estimula produção de conhecimento aplicado e inovação. Complementarmente, Audretsch e Keilbach (2008), Stam (2015) e Spigel (2017) destacam que os ecossistemas empreendedores fortalecem processos de inovação social, cooperação institucional e desenvolvimento territorial sustentável.

Dessa forma, a sustentabilidade socioambiental e o desenvolvimento humano configuram dimensões complementares de um mesmo processo de desenvolvimento. A integração entre responsabilidade social, preservação ambiental e dinamismo econômico evidencia a necessidade de modelos organizacionais e práticas empreendedoras capazes de gerar valor econômico sem dissociá-lo do bem-estar coletivo e da sustentabilidade de longo prazo.

2.4 Ecossistemas Empreendedores e Universidades Empreendedoras

As transformações econômicas, tecnológicas e sociais ampliaram significativamente o papel das universidades nos processos de inovação, desenvolvimento regional e fortalecimento do empreendedorismo. Nesse contexto, as instituições de ensino superior passaram a desempenhar funções que ultrapassam as atividades tradicionais de ensino e pesquisa, incorporando ações relacionadas à transferência de conhecimento, inovação tecnológica e articulação de ecossistemas empreendedores.

As discussões sobre universidades empreendedoras ganharam destaque a partir das contribuições de Etzkowitz e Leydesdorff (2000), que propuseram o modelo da Tríplice Hélice para explicar as interações entre universidades, empresas e governo nos processos de inovação e desenvolvimento socioeconômico.

Segundo os autores, a cooperação entre esses atores favorece a produção de conhecimento aplicado, a inovação tecnológica e a criação de ambientes propícios ao empreendedorismo. Nessa perspectiva, a universidade passa a atuar como agente estratégico de desenvolvimento, incorporando práticas relacionadas à transferência tecnológica, incubação de empresas, criação de startups e fortalecimento de redes colaborativas (Etzkowitz, 2003).

Paralelamente, os ecossistemas empreendedores passaram a ser compreendidos como ambientes compostos por múltiplos atores institucionais responsáveis por estimular inovação, empreendedorismo e desenvolvimento territorial. Stam (2015) destaca que esses ecossistemas envolvem elementos como capital humano, políticas públicas, infraestrutura, instituições financeiras, cultura empreendedora e redes de colaboração. Complementando essa perspectiva, Spiegel (2017) enfatiza o caráter relacional dos ecossistemas, ressaltando a importância das conexões sociais e da circulação do conhecimento para o fortalecimento das capacidades empreendedoras locais.

As contribuições de Audretsch e Keilbach (2008) reforçam essa discussão ao demonstrar que a interação entre universidades, empresas, governos e sociedade favorece processos de difusão do conhecimento e desenvolvimento regional. Dessa forma, o empreendedorismo deixa de ser interpretado exclusivamente como iniciativa individual e passa a ser compreendido como fenômeno condicionado por fatores institucionais, sociais e territoriais.

Além de impulsionar inovação e desenvolvimento econômico, os ecossistemas empreendedores vêm incorporando preocupações relacionadas à sustentabilidade socioambiental e à inovação social. Nesse contexto, universidades e programas de Educação Empreendedora passaram a integrar discussões sobre responsabilidade social, sustentabilidade e impacto coletivo, alinhando-se às demandas contemporâneas

de desenvolvimento sustentável. Conforme argumentam Jardim (2021), Jardim e Sousa (2023) e Nabi et al. (2017), a formação empreendedora contemporânea deve estimular competências relacionadas à criatividade, responsabilidade social, colaboração e inovação voltadas à solução de problemas econômicos, sociais e ambientais.

Essa ampliação de escopo também se reflete na atuação de incubadoras, parques tecnológicos, hubs de inovação e laboratórios de empreendedorismo, que passaram a apoiar iniciativas relacionadas ao empreendedorismo social, aos negócios de impacto e à inovação sustentável. Tais ambientes favorecem o desenvolvimento de soluções capazes de gerar simultaneamente valor econômico, social e ambiental, fortalecendo a conexão entre empreendedorismo, inovação e sustentabilidade.

Dessa forma, universidades empreendedoras e ecossistemas de inovação assumem papel estratégico na articulação entre conhecimento, empreendedorismo e desenvolvimento sustentável. Conforme destacam Corrêa e Jardim (2025), a integração entre Educação Empreendedora, inovação social e sustentabilidade amplia o potencial transformador das instituições de ensino superior, contribuindo para formação de indivíduos capazes de atuar em contextos complexos e promover soluções inovadoras para desafios contemporâneos.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e bibliográfica, desenvolvida por meio de abordagem analítica e reflexiva acerca das relações entre Educação Empreendedora, empreendedorismo social, sustentabilidade socioambiental e desenvolvimento humano. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se

pela necessidade de compreender fenômenos sociais, institucionais e educacionais relacionados à transformação socioambiental e às práticas empreendedoras sustentáveis, priorizando interpretação crítica da literatura e análise conceitual das contribuições teóricas existentes sobre o tema.

Quanto aos objetivos, a pesquisa possui caráter exploratório, uma vez que busca ampliar discussões relacionadas ao papel da Educação Empreendedora na formação de indivíduos comprometidos com responsabilidade social, sustentabilidade ambiental e desenvolvimento sustentável. Conforme Gil (2002), pesquisas exploratórias possibilitam maior aproximação com o problema investigado, contribuindo para aprofundamento conceitual e construção de novas perspectivas analíticas.

No que se refere aos procedimentos técnicos, o estudo fundamenta-se em revisão bibliográfica narrativa com abordagem analítica, desenvolvida a partir da análise de produções científicas nacionais e internacionais relacionadas à Educação Empreendedora, empreendedorismo social, negócios de impacto, sustentabilidade socioambiental, desenvolvimento humano e ecossistemas empreendedores. Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica permite analisar diferentes contribuições teóricas já publicadas, favorecendo compreensão ampliada sobre determinado fenômeno e possibilitando construção crítica do conhecimento científico.

A revisão bibliográfica foi realizada mediante levantamento de artigos científicos, livros, documentos institucionais e publicações acadêmicas disponíveis em bases de dados nacionais e internacionais, incluindo Scopus, Web of Science, SciELO e Google Acadêmico. Foram priorizados estudos publicados em português e inglês relacionados às temáticas centrais da pesquisa, especialmente aqueles voltados à Educação Empreendedora, empreendedorismo social, inovação sustentável, desenvolvimento humano,

universidades empreendedoras e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Para o levantamento das produções científicas, foram utilizados descritores como “Educação Empreendedora”, “Empreendedorismo Social”, “Negócios de Impacto”, “Sustentabilidade Socioambiental”, “Desenvolvimento Humano”, “Universidades Empreendedoras”, “Ecossistemas Empreendedores” e “Desenvolvimento Sustentável”, bem como suas correspondentes em inglês. A seleção das referências considerou critérios relacionados à relevância teórica, aderência temática e contribuição para compreensão das relações entre empreendedorismo, sustentabilidade e transformação social.

A análise dos materiais ocorreu de forma interpretativa e analítica, buscando identificar aproximações conceituais, contribuições teóricas e articulações entre os autores selecionados. Nesse processo, procurou-se compreender como a Educação Empreendedora pode contribuir para formação de empreendedores orientados à inovação social, responsabilidade socioambiental e desenvolvimento sustentável, considerando também o papel das universidades empreendedoras e dos ecossistemas de inovação nesse contexto.

Além disso, a pesquisa fundamenta-se na perspectiva de que o empreendedorismo contemporâneo não deve restringir-se à criação de negócios economicamente viáveis, mas também incorporar dimensões relacionadas à inclusão social, sustentabilidade ambiental e promoção do desenvolvimento humano. Dessa forma, o estudo busca contribuir para fortalecimento das discussões teóricas acerca da integração entre Educação Empreendedora, empreendedorismo social e sustentabilidade socioambiental, evidenciando possibilidades de construção de modelos de desenvolvimento mais inclusivos, sustentáveis e socialmente responsáveis.

4 RESULTADOS DA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

4.1 Educação Empreendedora como Instrumento de Transformação Socioambiental

A análise da literatura evidencia que a Educação Empreendedora passou por um processo de ampliação conceitual, deixando de ser compreendida exclusivamente como instrumento de preparação para a criação de empresas e gestão de negócios. Os estudos de Kuratko (2005), Lackéus (2015) e Nabi et al. (2017) demonstram que a formação empreendedora contemporânea passou a incorporar competências relacionadas à inovação, criatividade, resolução de problemas, autonomia e adaptação a contextos complexos, ampliando sua contribuição para além da esfera econômica.

Nesse contexto, observa-se crescente valorização das chamadas competências transformadoras, entendidas como capacidades que permitem aos indivíduos identificar oportunidades, lidar com incertezas e desenvolver soluções inovadoras para desafios econômicos, sociais e ambientais. Conforme argumenta Kuratko (2005), o empreendedorismo tornou-se componente estratégico da formação profissional, enquanto Lackéus (2015) defende que a educação empreendedora deve priorizar a criação de valor para a sociedade, aproximando processos educacionais das demandas reais enfrentadas pelas comunidades.

Os resultados também evidenciam a relevância das competências socioemocionais para a formação empreendedora. Estudos de Nabi et al. (2017) indicam que programas de Educação Empreendedora contribuem para o desenvolvimento de atitudes, intenções e capacidades relacionadas à criatividade, colaboração, liderança e pensamento crítico. De forma complementar, Jardim (2021) ressalta que a formação empreendedora deve responder às exigências de uma sociedade global e digital, integrando competências técnicas, humanas e éticas necessárias para

atuação responsável em contextos marcados por rápidas transformações econômicas e sociais.

Outro resultado recorrente refere-se à aproximação entre Educação Empreendedora e desenvolvimento humano. Embora não trate especificamente do empreendedorismo, Sen (2010) contribui para essa discussão ao compreender o desenvolvimento como ampliação das capacidades humanas e das oportunidades de escolha. Sob essa perspectiva, a Educação Empreendedora pode favorecer processos de autonomia, participação social e fortalecimento da cidadania, ampliando o papel da educação como instrumento de desenvolvimento individual e coletivo.

A literatura também evidencia crescente integração entre Educação Empreendedora e sustentabilidade. A incorporação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (United Nations, 2015) e das discussões relacionadas à responsabilidade socioambiental tem ampliado o escopo dos programas educacionais, que passaram a incluir temas como ética, impacto social, sustentabilidade ambiental e inovação responsável. Nessa direção, os princípios do Triple Bottom Line propostos por Elkington (1997) reforçam a necessidade de considerar simultaneamente dimensões econômicas, sociais e ambientais na formação dos futuros empreendedores.

Além disso, os estudos de Jardim e Sousa (2023) e Corrêa e Jardim (2025) demonstram que a Educação Empreendedora pode contribuir para inclusão social, fortalecimento da cidadania e desenvolvimento sustentável quando articulada à inovação social e à resolução de problemas coletivos. Essa perspectiva amplia o papel das instituições de ensino superior, que passam a atuar não apenas na formação profissional, mas também na preparação de indivíduos capazes de compreender e enfrentar desafios sociais, econômicos e ambientais contemporâneos.

De modo geral, a literatura analisada revela que a Educação Empreendedora contemporânea ultrapassa

a lógica tradicional da formação empresarial e assume papel relevante na formação de competências transformadoras voltadas à inovação, à responsabilidade social e à sustentabilidade. Essa ressignificação amplia seu potencial como instrumento de desenvolvimento humano, inclusão socioeconômica e transformação socioambiental sustentável.

4.2 Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto na Promoção do Desenvolvimento Sustentável

A literatura analisada evidencia crescente reconhecimento do empreendedorismo social como mecanismo de promoção do desenvolvimento sustentável. Os estudos convergem ao indicar que iniciativas empreendedoras orientadas ao impacto social ampliam as possibilidades de enfrentamento de problemas relacionados à pobreza, exclusão social, desigualdade e degradação ambiental, aproximando objetivos econômicos e sociais (Dees, 2001; Yunus et al., 2010).

Os resultados também demonstram que os negócios sociais representam importante alternativa aos modelos organizacionais tradicionais ao combinar sustentabilidade financeira e geração de valor social. Conforme destacam Yunus et al. (2010; 2021), a viabilidade econômica deixa de constituir finalidade exclusiva da atividade empreendedora e passa a funcionar como mecanismo de sustentação de iniciativas voltadas à melhoria das condições de vida da população e à redução das desigualdades sociais.

Outro aspecto recorrente refere-se à crescente integração entre empreendedorismo social, inovação sustentável e responsabilidade socioambiental. A incorporação de práticas relacionadas à economia circular, inclusão produtiva, geração de renda e preservação ambiental evidencia que os desafios sociais e ambientais tendem a ser tratados de forma cada vez mais interdependente. Nessa perspectiva, os princípios do

Triple Bottom Line reforçam a necessidade de equilibrar resultados econômicos, sociais e ambientais na construção de modelos organizacionais sustentáveis (Elkington, 1997).

A literatura também sugere convergência entre empreendedorismo social e desenvolvimento humano. Sob a perspectiva de Sen (2010), iniciativas voltadas à ampliação das oportunidades, da participação social e das capacidades individuais podem contribuir para melhoria das condições de vida e fortalecimento da cidadania. Embora não trate especificamente do empreendedorismo social, seus pressupostos permitem compreender os negócios de impacto como instrumentos capazes de promover inclusão e ampliar oportunidades sociais.

Além disso, os estudos analisados destacam a importância das universidades empreendedoras e dos ecossistemas de inovação no fortalecimento do empreendedorismo social. Ambientes como incubadoras, hubs de inovação, parques tecnológicos e programas de aceleração favorecem o desenvolvimento de soluções inovadoras voltadas a desafios sociais e ambientais, ampliando a articulação entre conhecimento, empreendedorismo e impacto coletivo (Etzkowitz & Leydesdorff, 2000; Audretsch & Keilbach, 2008; Stam, 2015; Spiegel, 2017).

Nesse contexto, Jardim (2021) e Corrêa e Jardim (2025) ressaltam que a Educação Empreendedora pode desempenhar papel relevante na formação de indivíduos capazes de desenvolver soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais complexos. Competências relacionadas à criatividade, responsabilidade social, colaboração e sustentabilidade tornam-se elementos centrais para atuação empreendedora comprometida com geração de valor coletivo.

Em conjunto, as pesquisas analisadas demonstram que o empreendedorismo social e os negócios de impacto ampliam as possibilidades de construção de modelos de desenvolvimento mais sustentáveis, ao

integrar objetivos econômicos, sociais e ambientais em uma mesma lógica de atuação. Mais do que mecanismos de geração de renda, essas iniciativas revelam o potencial do empreendedorismo como instrumento de inovação social e promoção do desenvolvimento sustentável.

4.3 Universidades Empreendedoras e Ecossistemas de Inovação Sustentável

A literatura analisada evidencia que as universidades passaram a desempenhar papel cada vez mais relevante nos processos de inovação, empreendedorismo e desenvolvimento sustentável. Os estudos convergem ao demonstrar que as instituições de ensino superior deixaram de atuar exclusivamente como espaços de ensino e pesquisa, assumindo funções relacionadas à transferência de conhecimento, inovação tecnológica, desenvolvimento regional e fortalecimento dos ecossistemas empreendedores.

Nesse contexto, o modelo da Tríplice Hélice destaca a importância da interação entre universidades, empresas e governo para promoção da inovação e do desenvolvimento socioeconômico (Etzkowitz & Leydesdorff, 2000; Etzkowitz, 2003). A literatura indica que essa articulação favorece a criação de ambientes colaborativos capazes de estimular produção de conhecimento aplicado, desenvolvimento tecnológico e surgimento de novos empreendimentos.

Os resultados também demonstram que os ecossistemas empreendedores exercem papel relevante no fortalecimento das capacidades inovadoras locais. Conforme argumentam Stam (2015), Spigel (2017) e Audretsch e Keilbach (2008), fatores como capital humano, redes colaborativas, infraestrutura, instituições e circulação do conhecimento contribuem para criação de ambientes favoráveis ao empreendedorismo e ao desenvolvimento territorial. Dessa forma,

o empreendedorismo passa a ser compreendido não apenas como iniciativa individual, mas como fenômeno influenciado por fatores institucionais, sociais e culturais.

Outro aspecto recorrente na literatura refere-se à crescente integração entre universidades empreendedoras, inovação social e sustentabilidade. As instituições de ensino superior passaram a incorporar temas relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), responsabilidade social e empreendedorismo sustentável em atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação. Esse movimento amplia a contribuição das universidades para enfrentamento de desafios econômicos, sociais e ambientais contemporâneos.

Nessa direção, Jardim (2021), Nabi et al. (2017) e Jardim e Sousa (2023) destacam que a Educação Empreendedora contemporânea deve estimular competências relacionadas à criatividade, colaboração, ética, responsabilidade social e sustentabilidade. Os estudos analisados sugerem que a formação empreendedora deixou de concentrar-se exclusivamente na criação de empresas e passou a contemplar desenvolvimento de soluções voltadas ao impacto social e ambiental.

Além disso, incubadoras, parques tecnológicos, hubs de inovação e programas de aceleração vêm assumindo papel estratégico no apoio a iniciativas relacionadas ao empreendedorismo social, aos negócios de impacto e à inovação sustentável. Esses ambientes fortalecem a articulação entre conhecimento, empreendedorismo e desenvolvimento territorial, ampliando oportunidades para geração de soluções inovadoras voltadas às demandas da sociedade.

Em síntese, a literatura evidencia que universidades empreendedoras e ecossistemas de inovação constituem elementos centrais na promoção de ambientes favoráveis à inovação sustentável. Conforme ressaltam Corrêa e Jardim (2025), a integração entre

Educação Empreendedora, inovação social e sustentabilidade amplia o potencial transformador das instituições de ensino superior, fortalecendo sua contribuição para o desenvolvimento econômico, social e ambiental.

4.4 Desafios e Perspectivas para a Integração entre Educação Empreendedora, Sustentabilidade e Inclusão Social

A análise da literatura evidencia que, embora a Educação Empreendedora, o empreendedorismo social e os ecossistemas de inovação tenham ampliado suas contribuições para o desenvolvimento sustentável, ainda persistem desafios significativos para a consolidação de modelos efetivamente inclusivos e socioambientalmente responsáveis. Os estudos analisados demonstram que a integração entre crescimento econômico, inclusão social e sustentabilidade ambiental permanece como uma das principais questões enfrentadas pelas instituições educacionais, organizações e formuladores de políticas públicas.

Um dos desafios mais recorrentes refere-se à permanência de abordagens educacionais fortemente orientadas pela lógica de mercado. Apesar dos avanços observados nas últimas décadas, Kuratko (2005), Henry e McGowan (2016), Nabi et al. (2017) e Jardim (2021) destacam que muitos programas de Educação Empreendedora continuam priorizando a criação de negócios, a competitividade e o desempenho econômico, dedicando menor atenção a aspectos relacionados à ética, cidadania, responsabilidade social e sustentabilidade. Tal realidade evidencia a necessidade de ampliar modelos formativos capazes de equilibrar competências empresariais com valores voltados ao desenvolvimento humano e ao bem-estar coletivo.

Outro aspecto identificado pela literatura refere-se às desigualdades estruturais que condicionam o acesso às oportunidades empreendedoras. Conforme argumentam Corrêa e Jardim (2025), fatores como desigualdade educacional, exclusão digital, limitações econômicas e fragilidades institucionais reduzem a capacidade de participação de diferentes grupos sociais nos processos de inovação e empreendedorismo. Dessa forma, a promoção de iniciativas empreendedoras sustentáveis depende não apenas da formação individual, mas também da existência de condições sociais e institucionais que favoreçam inclusão, equidade e acesso ao conhecimento.

Os resultados também demonstram que a implementação da sustentabilidade continua sendo um desafio relevante para organizações e instituições. Embora princípios relacionados à responsabilidade socioambiental tenham ganhado maior visibilidade, a efetiva integração entre objetivos econômicos, sociais e ambientais ainda encontra obstáculos operacionais e culturais. Conforme argumenta Elkington (1997), a construção de modelos sustentáveis exige equilíbrio entre essas três dimensões, enquanto Sen (2010) resalta que o desenvolvimento não pode ser reduzido ao crescimento econômico, devendo contemplar a ampliação das capacidades humanas e das oportunidades sociais.

No âmbito dos ecossistemas empreendedores, a literatura aponta que fatores como concentração de recursos, desigualdades regionais, limitações de infraestrutura e fragilidade das redes institucionais podem restringir processos de inovação e desenvolvimento territorial. Os estudos de Audretsch e Keilbach (2008), Stam (2015) e Spigel (2017) evidenciam que a consolidação de ambientes favoráveis ao empreendedorismo sustentável depende da articulação entre universidades, empresas, governo e sociedade civil, bem como do fortalecimento de mecanismos de cooperação, compartilhamento do conhecimento e apoio à inovação.

Apesar desses desafios, os estudos analisados apresentam perspectivas promissoras para o fortalecimento de modelos de desenvolvimento mais inclusivos e sustentáveis. As contribuições de Yunus et al. (2021), Jardim (2021), Jardim e Sousa (2023) e Corrêa e Jardim (2025) indicam que o empreendedorismo social, os negócios de impacto e a Educação Empreendedora orientada à sustentabilidade possuem potencial para promover inovação social, inclusão socioeconômica e desenvolvimento territorial sustentável. Nesse contexto, a formação de indivíduos capazes de conciliar criatividade, responsabilidade social e compromisso ambiental torna-se elemento estratégico para enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Em perspectiva mais ampla, os estudos analisados indicam que a promoção do desenvolvimento sustentável exige esforços que transcendem a criação de novos empreendimentos. As contribuições de Sen (2010) reforçam que o desenvolvimento deve ser compreendido como ampliação das capacidades humanas e das oportunidades sociais, enquanto Elkington (1997) destaca a necessidade de integração entre dimensões econômicas, sociais e ambientais. De forma complementar, Etzkowitz e Leydesdorff (2000), Audretsch e Keilbach (2008), Stam (2015) e Spigel (2017) demonstram que a construção de ambientes favoráveis à inovação e ao empreendedorismo depende da articulação entre instituições, conhecimento e cooperação. Nesse contexto, a literatura converge ao indicar que o fortalecimento de políticas públicas, a ampliação do acesso à educação, a redução das desigualdades e a consolidação de ecossistemas colaborativos constituem elementos fundamentais para promoção de modelos de desenvolvimento mais inclusivos e sustentáveis. Assim, a integração entre Educação Empreendedora, empreendedorismo social e sustentabilidade socioambiental configura não apenas um dos principais desafios contemporâneos, mas também uma importante oportunidade para construção de novos paradigmas de desenvolvimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou as contribuições da Educação Empreendedora para o fortalecimento do empreendedorismo social e da sustentabilidade socioambiental, considerando sua relação com o desenvolvimento humano, a inovação social, as universidades empreendedoras e os ecossistemas de inovação. A análise da literatura evidenciou que o empreendedorismo contemporâneo passou por importante ampliação conceitual, incorporando dimensões relacionadas à responsabilidade social, à sustentabilidade e à geração de valor coletivo.

Os resultados demonstraram que a Educação Empreendedora possui potencial para contribuir não apenas para o desenvolvimento de competências voltadas à criação e gestão de negócios, mas também para a formação de indivíduos capazes de atuar diante de desafios sociais e ambientais complexos. Nesse sentido, as contribuições de Nabi et al. (2017) e Jardim (2021) reforçam que criatividade, inovação, responsabilidade social, ética e sustentabilidade constituem competências centrais para a atuação empreendedora contemporânea.

A literatura analisada também evidenciou a relevância do empreendedorismo social e dos negócios de impacto como mecanismos capazes de conciliar sustentabilidade econômica e geração de valor social. As discussões propostas por Dees (2001) e Yunus et al. (2010; 2021) demonstram que objetivos econômicos e sociais podem ser articulados em estratégias voltadas ao enfrentamento das desigualdades, da exclusão social e dos desafios ambientais contemporâneos.

Outro resultado relevante refere-se ao papel desempenhado pelas universidades empreendedoras e pelos ecossistemas de inovação na promoção de ambientes favoráveis ao empreendedorismo sustentável. Conforme argumentam Etzkowitz e Leydesdorff (2000), a interação entre universidades, empresas

e governo fortalece a produção de conhecimento, a inovação e o desenvolvimento de soluções voltadas às demandas econômicas, sociais e ambientais da sociedade.

Entretanto, a literatura também evidencia desafios relacionados à consolidação de práticas empreendedoras sustentáveis, especialmente diante das desigualdades sociais, limitações institucionais, acesso desigual à educação e permanência de abordagens excessivamente orientadas pela lógica econômica. Tais desafios reforçam a necessidade de fortalecimento de políticas públicas, ampliação das oportunidades educacionais e desenvolvimento de ecossistemas mais inclusivos e colaborativos.

Como limitação, destaca-se o caráter bibliográfico e teórico da pesquisa, que não contemplou investigação empírica acerca da implementação de práticas de Educação Empreendedora sustentável em contextos específicos. Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras desenvolvam estudos de campo voltados à análise de programas de Educação Empreendedora, incubadoras sociais, ecossistemas de inovação sustentável e iniciativas de empreendedorismo social em diferentes contextos regionais e institucionais.

Conclui-se, portanto, que a Educação Empreendedora pode desempenhar papel relevante na construção de modelos de desenvolvimento mais sustentáveis, inclusivos e inovadores. Em consonância com as perspectivas de Sen (2010) e Elkington (1997), a formação empreendedora orientada à responsabilidade social e à sustentabilidade pode contribuir para ampliação das oportunidades humanas e para integração equilibrada entre dimensões econômicas, sociais e ambientais. Assim, o empreendedorismo deixa de representar apenas mecanismo de geração de renda e passa a assumir função estratégica na promoção do desenvolvimento sustentável e da inovação social.

REFERÊNCIAS

- Audretsch, D. B., & Keilbach, M. (2008). Resolving the knowledge paradox: Knowledge-spillover entrepreneurship and economic growth. *Research Policy*, 37(10), p. 1697-1705. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2008.08.008>
- Corrêa, S. R. dos S., & Jardim, J. (2025). *Contributions of entrepreneurship education to social entrepreneurship and socioeconomic inclusion*. Administrative Sciences.
- Dees, J. G. (2001). The meaning of social entrepreneurship. *Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership*. https://centers.fuqua.duke.edu/case/wp-content/uploads/sites/7/2015/03/Article_Dees_MeaningofSocialEntrepreneurship_2001.pdf
- Elkington, J. (1997). *Cannibals with forks: The triple bottom line of 21st century business*. Capstone Publishing.
- Etzkowitz, H. (2003). Innovation in innovation: The Triple Helix of university-industry-government relations. *Social Science Information*, 42(3), p. 293-337. <https://doi.org/10.1177/05390184030423002>
- Etzkowitz, H., & Leydesdorff, L. (2000). The dynamics of innovation: From national systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university-industry-government relations. *Research Policy*, 29(2), p. 109-123. [https://doi.org/10.1016/S0048-7333\(99\)00055-4](https://doi.org/10.1016/S0048-7333(99)00055-4)
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). Atlas.
- Henry, C., & McGowan, P. (2016). Embedding entrepreneurship in higher education institutions. *Education + Training*, 58(7/8), p. 677-691. <https://doi.org/10.1108/ET-03-2016-0053>

Jardim, J. (2021). Entrepreneurial skills to be successful in the global and digital world: Proposal for a frame of reference for entrepreneurial education. *Education Sciences*, 11(7), p. 356. <https://doi.org/10.3390/educsci11070356>

Jardim, J., & Sousa, F. (2023). Entrepreneurship education and social inclusion in higher education: Challenges and opportunities for sustainable development. *Education Sciences*, 13(5), p. 478. <https://doi.org/10.3390/educsci13050478>

Krueger, N. F. (2007). What lies beneath? The experiential essence of entrepreneurial thinking. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 31(1), p. 123-138. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2007.00166.x>

Kuratko, D. F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5), p. 577-597. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x>

Lackéus, M. (2015). *Entrepreneurship in education: What, why, when, how*. OECD Publishing. https://www.oecd.org/cfe/leed/BGP_Entrepreneurship-in-Education.pdf

Lakatos, E. M., & Marconi, M. de A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (5ª ed.). Atlas.

Nabi, G., Liñán, F., Fayolle, A., Krueger, N., & Walmsley, A. (2017). The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. *Academy of Management Learning & Education*, 16(2), p. 277-299. <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026>

Oliveira, E. M. (2004). *Empreendedorismo social no Brasil: atuais tendências e perspectivas*. *Revista FAE*, 7(2), p. 9-18.

Rideout, E. C., & Gray, D. O. (2013). Does entrepreneurship education really work? A review and methodological critique of the empirical literature on the effects of university-based entrepreneurship education. *Journal of Small Business Management*, 51(3), p. 329-351. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12021>

Sen, A. (2010). *Desenvolvimento como liberdade*. Companhia das Letras.

Spigel, B. (2017). The relational organization of entrepreneurial ecosystems. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 41(1), p. 49-72. <https://doi.org/10.1111/etap.12167>

Stam, E. (2015). Entrepreneurial ecosystems and regional policy: A sympathetic critique. *European Planning Studies*, 23(9), p. 1759-1769. <https://doi.org/10.1080/09654313.2015.1061484>

United Nations. (2015). *Transforming our world: The 2030 agenda for sustainable development*. United Nations. <https://sdgs.un.org/2030agenda>

Yunus, M., Moingeon, B., & Lehmann-Ortega, L. (2010). Building social business models: Lessons from the Grameen experience. *Long Range Planning*, 43(2-3), p. 308-325. <https://doi.org/10.1016/j.lrp.2009.12.005>

Yunus, M., Sipahi, E., & Aslam, M. M. (2021). *A world of three zeros: The new economics of zero poverty, zero unemployment, and zero net carbon emissions*. PublicAffairs.